

Para além da ilha e do mar: Percursos de trabalhadoras portuguesas no Canadá

Maria João Dodman

Professora, Departamento de Línguas, Literatura e Linguística,
York University

Mundos velhos, vidas vazias

Já se afirmou que as mulheres foram, e ainda são, as pessoas menos pagas pelo seu trabalho em Portugal (Januário e Marujo, 101). De facto, apesar de ser essencial para a prosperidade das famílias e das sociedades, o trabalho da mulher tem sido desde sempre excluído dos anais da história. Tradicionalmente, este trabalho tem estado circunscrito às tarefas domésticas. A esfera feminina resumia-se ao cuidar da casa e das crianças. Todavia, sabemos hoje que a mulher trabalhava em casa, onde assumia o peso total das responsabilidades, e também por vezes no mercado laboral, onde estava ao lado ou em substituição do homem.¹

Até 1974 o regime salazarista impedia a igualdade de direitos e a mulher era considerada propriedade do marido ou do pai. Ao mesmo tempo, a situação de penúria da economia portuguesa, especialmente nas ilhas atlânticas dos Açores, levou grande parte da população a emigrar. No caso canadiano, o homem emigrava antes da mulher, que depois se juntava a ele, para os dois se aventurarem à procura de melhor sorte no mundo

1 Darlene Sadlier considera a importância dos anos 60, quando a emigração masculina e a Guerra Colonial em África levaram muitas mulheres a procurar emprego no sector rural e urbano também. (123). M. Estelli Smith sugere o mesmo e sublinha o caso dos Açores, indicando que a pobreza extrema e a enorme falta de recursos terão ditado uma maior participação da mulher em actividades económicas (80). Sadlier aponta o papel fundamental das trabalhadoras portuguesas que, após o 25 de Abril ter derrubado a ditadura salazarista, apoderaram-se das fábricas de têxteis depois dos antigos donos terem fugido de Portugal (124).

desconhecido do Canadá. Este ensaio celebra os feitos dessas mulheres pioneiras, e também das suas descendentes. Simultâneamente, este trabalho aponta para a necessidade de renovação sentida hoje por muitas mulheres luso-canadianas, actualmente a desbravar novos caminhos e desafios profissionais.

Mundos novos, vidas caóticas

A maioria das mulheres portuguesas entrou no Canadá na situação de dependente, ou do marido ou do pai. Na quase totalidade das casas portuguesas tem prevalecido uma divisão tradicional do trabalho que circunscreve a mulher às suas responsabilidades como esposa e mãe. Não obstante, a realidade e as exigências da vida num novo país levaram muitas mulheres a trabalhar fora de casa também. Todavia, o mundo do trabalho canadiano não lhes ofereceu qualquer protecção e continuaram a ser fustigadas com situações dolorosas e discriminatórias. Em muitos casos, as vidas das nossas emigrantes continuaram a ser tão, ou mais, difíceis do que eram em Portugal².

De acordo com o estudo de Wenona Giles *Portuguese Women in Toronto (Mulheres portuguesas em Toronto)*, a maioria de portuguesas da primeira e da segunda gerações trabalha principalmente em duas indústrias: manufactura e outros serviços, incluindo trabalho doméstico remunerado (65). Todavia, apesar de a maioria ter permanecido em ocupações tradicionais ou na esfera da casa familiar, o sucesso que as mulheres atingiram nestas áreas de trabalho é digno de registo. Giles menciona o grande esforço que estas empregadas de limpeza e trabalhadoras fabris fizeram para ultrapassar a sua falta de formação escolar e/ou de conhecimentos linguísticos.

Ao enfrentar atitudes discriminatórias no local de trabalho, Rosa, emigrante da primeira geração, acabou por comunicar as suas opiniões à entidade patronal e lamenta o facto de as outras mulheres com quem trabalhava não se sentirem tão motivados quanto ela (70-71). Como tal, ela

2 As histórias destas mulheres têm sido bem documentadas. Uma delas descreve as condições austeras em que trabalhava como costureira, num ambiente de trabalho degradante, com poucas pausas para descansar e idas à casa de banho controladas. (Nunes 61). Trabalhadoras de limpeza são também exploradas e carecem de segurança no trabalho, para além de terem tido de lutar, até recentemente, contra situações de grande discriminação. (Nunes 62).

encontrou oportunidades para comunicar as suas preocupações, envolvendo clientes em conversas relacionadas com o trabalho e recusando qualquer tratamento diferenciado devido à sua posição social ou condição de imigrante (70). Não podemos esquecer as lutas e os sucessos de Lurdes, que nos anos 70 liderou um grupo de mais de cem trabalhadoras num protesto contra as práticas da firma de limpezas, que se recusava a fornecer sacos limpos para o lixo. Lurdes lembra esta experiência como uma fase de medos e ameaças. Todavia, apesar dos seus receios e da sua falta de conhecimentos da língua inglesa, ela defendeu a sua causa até ao fim. Idalina também fala da greve na fábrica onde trabalhava, dizendo com orgulho, “Participei na greve; fazia de tudo.” (Giles 78). Como Giles observa, e com razão, as dificuldades que estas mulheres enfrentaram, especialmente a falta de conhecimento do inglês, “não as impediu de defenderem os direitos delas próprias e das suas companheiras de trabalho contra as ‘bossas’³.” (80).

Ilda Januário e Manuela Marujo destacam as histórias de vida de algumas destas mulheres. Nestas narrativas de coragem, encontramos Izilda, que emigrou para o Canadá em 1953 para se juntar ao marido, mas que acabou por ter de ficar em Montreal enquanto ele trabalhava em Goose Bay, no Labrador. Admiravelmente impulsionada pelo seu sentido de empreendedorismo, Izilda descobriu como promover o sucesso do marido através da ajuda prestada aos companheiros de trabalho nos seus cuidados básicos, e mais tarde aprendeu a dominar o Inglês e o Francês, conhecimentos que muito contribuíram para o crescimento do seu negócio (100). Estas figuras impulsionaram a nossa comunidade. Todavia, não posso deixar de reiterar a importância que também tiveram as mulheres que ficaram em casa ou permaneceram no anonimato. Na verdade, tem prevalecido a tendência de menosprezar o valor da mulher doméstica e o seu trabalho sem-fim e não-remunerado. Estas mulheres sempre tiveram um papel de relevo na prosperidade das suas famílias e mais.

Por ventura um dos aspectos mais esquecidos no diagnóstico da contribuição feminina tem a ver com a sua influência na formulação de decisões. M. Estellie Smith afirma que, no caso americano, por exemplo, apesar de parecer passiva e submissa, a mulher é que impulsionava a decisão de partir. Regra geral, as suas razões prendiam-se com questões financeiras,

3 Pronúncia à portuguesa da palavra inglesa “boss”, que significa patrão ou entidade empregadora.

mas podiam também ser motivadas por questões políticas para evitar a ditadura e a Guerra Colonial de então (79-81). Outro factor importante mencionado por Smith prende-se com o facto de a mulher tratar da maioria dos assuntos no país de origem e no país de acolhimento, enquanto a responsabilidade do homem se limitava a ir e vir do trabalho. Smith apresenta a seguinte lista de actividades assumidas pela mulher:

...a mulher tinha de andar a pé pela cidade, quarteirão a quarteirão, para se familiarizar com o espaço e com o sistema de transportes públicos, e poder chegar a sítios variados, ao contrário do homem, cujo destino era apenas um.

Existem comércios; escolas; lojas de mobília, roupas, electrodomésticos; gabinetes governamentais locais e federais; serviços de lavandaria e sapatarias; médicos; dentistas; oftalmogistas e oculistas; clínicas; bancos; as companhias de água, gás e luz; o correio; e a igreja. (86)

Já que esta lista podia ser alongada, é importante destacar a enorme dívida que temos para com as nossas trabalhadoras, que em muitos casos e com o mínimo de apoio, criaram e mantiveram o espaço doméstico⁴. Simultaneamente, há que reconhecer que estas mulheres conseguiram tanto, apesar de terem chegado com menos escolaridade do que seus maridos, pais ou irmãos.⁵ A chave do seu sucesso reside na sua perseverança; Anderson e Davis elogiam a mulher imigrante portuguesa por ser poupada, criativa, trabalhadora e honesta, tudo isto aliado à sua “capacidade lendária de esticar cada dólar” (141).

Outra batalha que estas mulheres enfrentaram relaciona-se com a aprendizagem da língua inglesa. Dada a prevalência no Canadá de tradições

4 Tanto as mulheres como os homens no estudo de Smith acabam por não reconhecer a importância do trabalho feminino. Enquanto as mulheres consideram o seu trabalho comum e insignificante, os homens negavam os seus feitos por completo, recorrendo até ao seguinte comentário: “Bem, as mulheres adoram meter-se na vida alheia e falar dos outros, portanto mais vale aproveitar” (84).

5 Este aspecto diz especialmente respeito às mulheres dos Açores, onde não havia possibilidade de estudar naquela altura; era raro o Açoriano com mais de quatro anos de escolaridade. A situação era ainda pior para as mulheres, especialmente nas zonas mais remotas, onde um ou dois anos de escolaridade era visto como um luxo para a menina (Anderson e Davis 140).

patriarcais trazidos do Velho Mundo, muitas mulheres lidam principalmente com ambientes, em casa ou no trabalho, onde a língua portuguesa predomina. Para além disso, há muitas vezes a falta de tempo e energia e, acima de tudo, falta de apoio da parte dos maridos para frequentarem aulas de inglês como segunda língua, como Nunes bem menciona (63). Apesar de estudos indicarem que este tem sido um grande obstáculo para a mulher portuguesa⁶, existem histórias de sucesso dignas de reparo. A já mencionada história da Izilda de Montreal é apenas uma delas. Estatísticas demonstram que as mulheres inscritas em programas de ensino de Inglês são estudantes dedicadas e destemidas, já que metade não recebe apoio algum do marido, e algumas até frequentam as aulas sem o conhecimento do marido (Nunes 63).

Para além do esperado: Percursos pela academia

Seria de esperar que problemas relacionados com questões de género não acontecessem no meio académico. Apesar de haver alguma razão nesta perspectiva, ainda existem muitas batalhas neste campo. Nós mulheres tomamos estas questões muito a sério e comumente reagimos com desalento ao verificar que a discriminação sexual ainda acontece num ambiente, supostamente, de “mentes abertas”. Contudo, ao considerar os avanços nesta área, convém não esquecer o caminho penoso já trilhado. É importante lembrar que, até há pouco tempo, a maioria das mulheres não tinha acesso à educação. Fundamentando-se na percepção da inferioridade feminina em termos físicos, emocionais e espirituais, instituições académicas barravam a entrada às mulheres e mantinham-se bastiões masculinos. Em *Lifting a Ton of Feathers* (Pegando numa tonelada de penas), Paula Caplan evoca alguns dos preconceitos que têm negado à mulher o direito de estudar. Por exemplo, acreditava-se que o estudo desencaminhava o sangue da menstruação e gravidez, do corpo para a cabeça, interferindo assim com o processo da procriação. Para além da percepção comum que a mulher intelectual é feia, Caplan lembra que, até à década de 50, a religião ensinava que aulas mistas promoviam promiscuidade sexual (14-15). Estas, e outras ideias sobre a educação mencionadas por Caplan, indicam que o mundo ainda

6 Anderson e Davis observam que “seria menos provável que uma mulher soubesse falar Inglês, dado que a maioria das mulheres que trabalhavam nas limpezas contactava, predominantemente, com outras mulheres que falavam só Português” (139).

é dos homens.

De facto, apesar de haver muitas mulheres a estudar ao nível do bacharelato e da licenciatura, em comparação com os homens existem poucas nos níveis mais avançados da academia. É igualmente preocupante que algumas áreas tradicionalmente masculinas continuem a resistir à entrada da mulher. Caplan conclui, portanto, que “a marginalização da mulher e a disparidade no seu tratamento continuam a prevalecer, e ainda mais quando a mulher não é branca, natural do país onde lecciona, heterossexual, capacitada fisicamente, ou quando é mais velha do que a média no seu nível académico (19). Contudo, enquanto as observações de Caplan servem para nos manter cautelosas relativamente às muitas barreiras ainda existentes, não podemos assumir o papel de vítimas, mas sim devemos dar atenção ao muito que a mulher tem contribuído para a academia. No seu ensaio *Affirmative Action Policies Are Demeaning to Women in Academia (Políticas de paridade são uma afronta para a mulher na academia)*, Doreen Kimura salienta que, apesar de a mulher ainda estar em minoria, o resultado do seu trabalho começa a ser cada vez mais evidente.⁷

Considerações finais: Para onde vamos?

Em muitos aspectos, o meu percurso por terreno canadiano tem sido parecido com a experiência das pessoas que me antecederam. Parti dos Açores e cheguei ao Canadá em 1989. Todavia, as minhas razões não foram predominantemente económicas; eu era, e ainda sou, rebelde e aventureira, receptiva a tudo. Na minha mala de viagem, trazia a ilha, o mar e as imagens gravadas das minhas paisagens preferidas. Mas também trazia o impacto negativo de uma existência limitada, de uma jovem criada num ambiente tradicional e patriarcal. No meu caso, o cenário canadiano representava o sítio certo para alargar os meus horizontes, para experimentar experiências novas, de modo livre e confiante.

No início, encontrei trabalho nas fábricas e nas agências de limpeza, como tantas antes de mim. Esta experiência mostrou-me que existem certas expectativas em termos do que é ser trabalhadora portuguesa; as mais evidentes ditam que somos trabalhadoras incansáveis e dedicadas, caladas e pacíficas,

⁷ Segundo Kimura, entre 1960 e 1989 a percentagem de mulheres aumentou de 11% para 20% (239).

e a minha preferida, que possuímos a “capacidade inata” portuguesa para limpar como uma profissional. Para não me alongar, basta dizer que desapontei muita gente, especialmente pela minha evidente falta da “capacidade inata” para limpar. Sentindo-me perdida e desamparada, nem portuguesa nem canadiana, fiquei inquieta e pus-me à procura de uma nova aventura. A universidade acabou por ser essa nova aventura. No Outono de 1994, fiz a mala de novo, a transbordar de medo e com um filho pequeno para criar, e comecei de novo na academia.

A minha experiência pessoal da academia tem sido, no seu todo, plena de energia positiva. Não posso afirmar que não tenho encontrado barreiras. De facto, ainda me lembro dos primeiros anos de estudo e um tal professor que gostava de tecer comentários acerca dos atributos físicos de certas mulheres, e da forma como elas os utilizavam para conseguir o que queriam. Acho que este episódio se mantém vivo na minha mente porque eu, como tantas outras colegas, não tive a coragem de reagir, temendo as consequências da minha renúncia. Hoje, “não tenho papas na língua” e denuncio qualquer acto discriminatório e incentivo as estudantes a fazerem o mesmo.

É verdade que o mundo académico é terreno novo para a mulher portuguesa e que existem poucas professoras universitárias de origem portuguesa. Mas estas podem ter muita força, na realidade. Tenho tido a sorte de me poder relacionar com portuguesas na academia que têm sido modelos profissionais, vozes firmes na nossa comunidade e além dela. Na verdade, a maioria destas profissionais tem contribuído largamente para estudos sobre a comunidade portuguesa e/ou a mulher portuguesa. Particularmente importante tem sido o excelente trabalho de Maria Margarida Aguiar na sua tese de Mestrado e dissertação de Doutoramento, onde analisa as grandes lutas, mas também destaca o poderoso papel, das mães portuguesas no Canadá. Chegou a hora de mudança. Por muito que se continue a dar atenção e valor ao que se conseguiu no passado no Canadá, urge adoptar uma nova abordagem que dê relevo aos novos percursos da mulher profissional portuguesa.

Infelizmente, somos frequentemente retratadas como pouco exigentes, e acabamos por aceitar este retrato passivamente. A alteração desta imagem depende de nós. No fim de contas, a minha profissão na academia tem-me permitido contactar com os filhos e filhas daquelas que tanto fizeram para o bem da sua descendência. Ao contrário de muita gente, vejo um futuro positivo para o bem das suas famílias. As nossas jovens aprenderam lições importantes das suas mães e das suas avós. Ao mesmo tempo, estas jovens

têm mais oportunidades ao seu dispor, para questionar, para escolher, e para agarrar os seus futuros. As mulheres portuguesas da segunda geração não estão apenas contra os papéis tradicionais de género nos seus lares, mas a grande maioria delas também completou o ensino secundário e 70% estudou para além do secundário, de acordo com o estudo de Giles (389). É verdade que os números ainda são reduzidos; todavia, os estudos indicam que estes números vão continuar a aumentar e serão substancialmente mais elevados na terceira geração (Anderson 77). Para além de estudarem mais e terem ao seu dispor mais carreiras profissionais, as nossas jovens estão mais influentes devido a uma maior participação na política (Giles 82). Quanto a mim, continuo a procurar novas aventuras, e a academia oferece terreno fértil para tal.

Bibliografia

- AGUIAR, Maria Margarida Moniz. (1994). *The School and Immigration Histories of Women from the Island of Sao Miguel in the Azores Region of Portugal: Impact on the Relationship with Children's Education within Toronto's Elementary School System*. Master's thesis, University of Toronto.
- _____. (2001). *Childhood, Schooling, Family, and Community: Reflections of Mothers*. Doctoral Dissertation, University of Toronto.
- ANDERSON, Grace M. (1983). "Azoreans in Anglophone Canada" in *Canadian Ethnic Studies / Etudes Ethniques au Canada*. Vol. 15. 1, 73-82.
- ANDERSON, Grace M. and DAVIS, J. Campbell. (1990). "Portuguese Immigrant Women in Canada" in *Portuguese Migration in Global Perspective*. David Higgs, ed. Toronto: the Multicultural History Society of Ontario.
- CAPLAN, Paula J. (1993). *Lifting a Ton of Feather: A Woman's Guide to Surviving in the Academic World*. Toronto: University of Toronto Press.
- GILES, Wenona. "Re/membering the Portuguese Household in Toronto: Culture, Contradictions and Resistance" in *Women's Studies International Forum*. Vol. 20.3, 387-396.
- _____. (1992). *Portuguese Women in Toronto: Gender, Immigration, and Nationalism*. Toronto: University of Toronto Press.
- JANUÁRIO, Ilda & MARUJO, Manuela. (2000). "Voices of Portuguese Immigrant Women" in *The Portuguese in Canada: From the Sea to the City*. Carlos Teixeira and Victor M. P. da Rosa, eds. Toronto: University of Toronto Press, 97-111.
- KIMURA, Doreen. (1997). "Affirmative Action Policies are Demeaning to Women in Academia" in *Canadian Psychology*. Vol. 38.4, 238-243.
- NUNES, Fernando. (1985). "Portuguese-Canadian Women: Problems and Prospects." in *Polyphony*. Vol. 8.1, 61-66.
- SADLER, Darlene J. "Feminism in Portugal: a Brief History" in *The Question of How: Women Writers and New Portuguese Literature*, 113-129.
- SMITH, M. Estellie. (1980). "The Portuguese Female Immigrant: the 'Marginal Man'" in *International Migration Review*. Vol. 14.1, 77-92.